

Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 19): A Plasticidade e Flexibilidade dos Mitos do Antigo Oriente Próximo

Seção 09 / Aula 19

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 02/08/2026, 08:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: July 3, 2019

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

Metáfora, plasticidade e flexibilidade

Temos refletido sobre a pergunta: Os mitos precisam ser entendidos literalmente para serem verdadeiros? Em nosso exame dos dados antropológicos, vimos que há três fatores ou propriedades do mito que contribuem para a ideia de que eles não devem ser interpretados de maneira literalista. Um deles era seu caráter metafórico. Outro era sua plasticidade. E o terceiro fator era sua flexibilidade. Seu caráter metafórico diz respeito à natureza figurada da linguagem do mito. A plasticidade do mito diz respeito às diferentes versões de um mito que podem ser contadas simultaneamente em uma cultura e diferir umas das outras, embora ensinem a mesma verdade central. E a flexibilidade do mito é sua capacidade de se adaptar e mudar com o tempo, em resposta a novas pressões e situações. Quando começamos a examinar as evidências literárias dos mitos do Antigo Oriente Próximo dos vizinhos de Israel — a Mesopotâmia, isto é, Babilônia e Suméria — e do Egito, constatamos que eles se caracterizam pela mesma linguagem metafórica sugerida pelos dados antropológicos.

A linguagem metafórica e figurada dos mitos do Antigo Oriente Próximo não apenas sustenta uma leitura não literal desses mitos, mas esses mitos também exibem o mesmo tipo de plasticidade e flexibilidade que encontramos nos dados antropológicos.

Diversidade de narrativas mesopotâmicas

Na Mesopotâmia, temos relatos alternativos da criação do mundo por Marduk que diferem significativamente. Já mencionei a narrativa da criação no Enuma Elish, na qual Marduk forma o mundo com o cadáver da dragonesa Tiamat. Mas, em outra obra — a história bilingue sumério-babilônica da criação —, não há tal confronto. Em vez disso, nesse relato lemos que, quando tudo era mar, Marduk construiu uma jangada sobre a superfície das águas, fez a terra e a amontoou sobre a jangada. Para que os deuses se instalassem em uma morada de seu agrado, ele criou a humanidade (17-20). Embora essa versão do mito também apresente águas primordiais e Marduk como o principal criador do mundo, esse sereno relato da criação é muito diferente do relato guerreiro encontrado no Enuma Elish. Também temos diferentes relatos mesopotâmicos da criação da humanidade a partir do sangue de deuses mortos, a fim de fornecer trabalhadores aos deuses. Por exemplo, no Enuma Elish, o deus Qingu é executado por incitar a rebelião de Tiamat, e “Com seu sangue ele [Ea] criou a humanidade, sobre a qual impôs o serviço aos deuses, e libertou os deuses” (VI.33-34).

Na história da criação de outro texto cuneiforme, abreviado como KAR 4, dois deuses, Alla e Illa, são mortos “para fazer crescer a humanidade [com] seu sangue. Que o trabalho dos deuses se torne a tarefa da [humanidade]” (25-27). Na Epopeia de Atrahasis, lemos que outro deus, Wê-ila, foi morto, e “De sua carne e de seu sangue Nintu misturou argila” (225-26) para formar o homem e livrar os deuses de seu trabalho. “Retirei de vocês o trabalho pesado; impus ao homem a labuta de vocês” (240-41). Nessas diferentes versões do mito da criação da humanidade, encontramos as verdades centrais de que há um elemento divino constitutivo no ser humano e de que a razão para a criação da humanidade era, basicamente, fornecer trabalho escravo aos deuses. Assim, temos versões diferentes que ilustram as mesmas verdades centrais.

Variações e imagens da mitologia egípcia

No entanto, é no Egito que encontramos a maior plasticidade e flexibilidade dos mitos. O Egito tornou-se famoso pela variação e flexibilidade de seus mitos. John Wilson, que é egiptólogo, resume muito bem a mitologia egípcia nesta frase: “O egípcio aceitava vários mitos e não descartava nenhum deles.” Ao longo de 2.300 anos, surgiram quatro versões principais do mito fundamental das origens. Cada uma delas estava associada a um centro de culto em uma cidade egípcia: Hermópolis, Heliópolis, Tebas e Mênfis. Essas cidades egípcias eram os centros de culto para a adoração das várias divindades apresentadas nessas versões do mito da criação. Contudo, ao longo desses 2.300 anos, nas palavras do egiptólogo John Allen, essa mesma história permaneceu “notavelmente consistente” em toda a sua história. Segundo esse mito, como já vimos, a realidade é o desdobramento de um estado indiferenciado, primordial e monista, representado pela água. Dessas águas emergiu uma pequena colina, identificada ou associada ao deus Atum. Atum é considerado autocriado — ele trouxe a si mesmo à existência.

Atum, por sua vez, cria os outros deuses por meio de atos de, alternadamente, espirrar, cuspir ou se masturbar. O ponto culminante dessa sequência de criação é o deus solar Rá, ou Amon-Rá, como é chamado de diferentes maneiras. Sua manifestação é o sol. Todos os dias, esse ciclo de criação se repete quando o sol se põe à noite e renasce ao amanhecer. Surgiram amplas variações dessa história fundamental. O egiptólogo Eric Hornung, em seu livro sobre os deuses do Egito, comenta: “Os egípcios colocam as tensões e contradições do mundo lado a lado e convivem com elas.” A iconografia egípcia — iconografia refere-se, por exemplo, às imagens encontradas nas paredes e nos tetos dos túmulos egípcios, retratando vários deuses e fenômenos naturais — permitia “uma variedade surpreendentemente rica de possibilidades” na representação de uma divindade. Por exemplo, a deusa Hathor é representada de várias maneiras: como uma mulher, como uma vaca, como uma mulher com cabeça de vaca e como uma cabeça de vaca com rosto humano. Além disso, ela também é representada como leoa, serpente, hipopótamo e ninfa das árvores.

Além disso, “não estamos observando um desenvolvimento histórico em que uma forma substituiu outra; em todos os períodos, diferentes maneiras de retratar a deusa simplesmente coexistiram.” Não devemos concluir que os egípcios pensavam que Hathor realmente tinha, por exemplo, corpo humano e cabeça de vaca. Em vez disso, como explica Hornung, as diferentes imagens pretendiam expressar facetas distintas de seu caráter, por exemplo, a ternura maternal de uma vaca, a ferocidade de um leão, a imprevisibilidade de uma serpente e assim por diante. Tais imagens não devem ser tomadas literalmente. Elas são metáforas visuais. Já aludi a uma variabilidade semelhante nas representações egípcias do sol e do céu. O sol podia ser retratado

como um barco, um besouro, um velho que declina no oeste ou um falcão. Hornung diz: “Essas concepções eram vistas como complementares, não conflitantes.” De modo semelhante, o céu era retratado de várias maneiras.

John Wilson comenta: “Em nossa concepção, desejaríamos saber se o céu era sustentado por pilares ou mantido no alto por um deus; o egípcio responderia: ‘Sim, ele é sustentado por pilares ou mantido no alto por um deus — ou repousa sobre muros, ou é uma vaca, ou é uma deusa cujos braços e pés tocam a terra.’ Qualquer uma dessas imagens lhe seria satisfatória... e, em uma única imagem, ele poderia mostrar dois suportes diferentes para o céu: a deusa cujos braços e pés alcançam a terra e o deus que sustenta a deusa do céu.” A plasticidade que permitia representações contraditórias do sol e do céu é, a meu ver, uma indicação segura da não literalidade dessas representações. Interpretada de maneira literalista, a mitologia egípcia é um emaranhado de contradições lógicas e absurdos metafísicos. Mas os problemas próprios de uma interpretação literal da mitologia egípcia não devem nos levar a pensar que os egípcios eram, em geral, irracionais.

Hornung diz: “O fato de que, no pensamento egípcio, o mito não seja considerado contraditório não é motivo suficiente para classificarmos o pensamento como um todo como ‘mítico’ ou ‘mitopoético’; o mito é uma modalidade de discurso entre muitas outras...” Acho que isso está exatamente certo e, considerando suas imagens metafóricas e representativas, o mito é um caso especial. Hornung conclui: “Sustento, em oposição ao preconceito generalizado contra imagens metafóricas e representativas na pesquisa científica moderna, que as imagens estão entre os sistemas legítimos de signos que nos foram dados para descrever o mundo... Para os egípcios, os deuses são poderes que explicam o mundo, mas não precisam, eles próprios, de esclarecimento, porque transmitem informações em uma linguagem que pode ser compreendida diretamente — a do mito.” A linguagem do mito é figurada e, portanto, não precisa ser tomada de maneira literalista.

Geografia cósmica e firmamento

Infelizmente, muitos estudiosos do Antigo Testamento hoje, mesmo os que enfatizam a importância dos estudos do Antigo Oriente Próximo como pano de fundo interpretativo para o livro de Gênesis, foram seriamente induzidos ao erro por um literalismo rígido em relação aos mitos mesopotâmicos e egípcios. Talvez um dos exemplos mais flagrantes, penso eu, seja a afirmação de que a chamada “geografia cósmica” do Antigo Oriente Próximo incluía a ideia do céu — ou dos céus — como uma cúpula sólida sobre a Terra, tocando o horizonte, na qual as estrelas estariam gravadas. Isso é comprovadamente falso, como revelam textos astronômicos babilônicos. Os antigos astrólogos babilônicos registravam meticulosamente os movimentos das estrelas pelo céu e o movimento dos planetas em relação às estrelas fixas, e, portanto, não poderiam ter pensado que estivessem gravados em uma cúpula sólida que tocava a Terra. Othmar Keel e Silvia Schroer, em seu livro sobre o pensamento do Antigo Oriente Próximo, concluem que os estudiosos contemporâneos que interpretam literalmente a geografia cósmica dos antigos simplesmente não os compreenderam.

Isto é o que escrevem: “As pessoas do Antigo Oriente Próximo não concebiam a Terra como um disco flutuando sobre a água, com o firmamento invertido sobre ela como uma redoma e as estrelas penduradas nele. Sabiam, pela observação e pela experiência com o artesanato, que a

capacidade de sustentação da água é limitada e que abóbadas gigantescas geram problemas gigantescos quanto à sua capacidade de suportar o próprio peso. As imagens didáticas continuamente reproduzidas da ‘visão de mundo do Antigo Oriente Próximo’ baseiam-se em mal-entendidos tipicamente modernos que não levam em conta os componentes religiosos das concepções e representações do Antigo Oriente Próximo.” Keel e Schroer resumem assim: “O pensamento, as representações pictóricas e a linguagem das pessoas daquela época eram geralmente simbólicos, isto é, nem inteiramente concretos nem puramente abstratos.

Uma vaca que dá à luz um bezerro ou a mulher-céu que dá à luz a esfera solar não são expressões de fantasias ingênuas e infantis sobre a origem do mundo, mas elaborações filosóficas do pensamento que eram capazes de formar e formular noções mais abstratas — o surgimento do mundo — a partir de experiências concretas — gado, nascimento etc. Esse tipo de representação não é simples realismo, mas reflete um interesse pelos poderes que atuam e se manifestam no mundo concreto.” É preocupante refletir que tantos estudiosos do Antigo Testamento, que afirmam nos informar sobre o que os antigos acreditavam a respeito da geografia cósmica, tenham entendido tão mal os textos pertinentes. Portanto, quanto ao relato da criação em Gênesis, acho que pouco precisa ser dito. Exposta a interpretação moderna equivocada da cosmogeografia mesopotâmica e egípcia, desaparece o principal apoio para interpretar o chamado firmamento de Gênesis 1 — em hebraico, chamado *rakia* e traduzido do latim como “firmamento” — como uma cúpula sólida literal. Gênesis 1 praticamente nada nos diz sobre a natureza do *rakia*, nem se a palavra é usada figurada ou literalmente.

A chave para o significado de *rakia* em Gênesis 1 está no versículo 8, que diz: “E Deus chamou ao firmamento ‘céus’ (*shamayim*).” *Shamayim* é a palavra hebraica para os céus ou para o céu. Assim, *rakia* designa o céu ou, expressando a noção de amplitude, os céus. É isso que *rakia* designa. Os antigos hebreus não poderiam ter pensado que o céu fosse uma cúpula sólida na qual o sol, a lua e as estrelas estivessem incrustados, pois esses luzeiros celestes eram observados em movimento — movendo-se pelo céu — e é por isso que Gênesis 1 diz que eles servem para marcar estações, dias e anos. As aves voam, diz Gênesis 1:20, pela face do *rakia*; e nos céus, Deuteronômio 4:17. As aves voam, diz Gênesis 1:20, “sobre a terra, sob o firmamento dos céus”; e Deuteronômio 4:17 fala de “alguma ave que voa pelos céus”. Benjamin Smith, que está entre nós nesta manhã — ali está ele! —, provavelmente ofereceu, penso eu, a melhor caracterização do que *rakia* designa: “todo o céu”. Tudo o que pode ser visto acima da Terra a partir da superfície. É isso que *rakia* designa: todo o céu; tudo o que pode ser visto acima da Terra a partir da superfície. Isso sugere que o *rakia* é simplesmente uma realidade fenomênica — algo que se vê.

Como John Walton expressa muito bem, existe um *rakia*, e ele é azul. É simplesmente o céu! Acho que não apenas a linguagem metafórica e figurada dos mitos do Antigo Oriente Próximo sustenta uma leitura não literal desses mitos, mas sua plasticidade e flexibilidade também indicam que eles não são mais bem interpretados de maneira literalista. Agora, alguém tem algum comentário ou algo a discutir neste ponto, antes de falarmos de uma aplicação a Gênesis 1 a 11?

Debate sobre mito, realidade e interpretação

Aluno: Gostaria de saber se o senhor poderia comentar o fato de estar falando dos deuses mesopotâmicos e egípcios e de como eles têm corpos de animais e coisas assim, em contraste com os gregos, que realmente têm aparência humana, e como isso refletia a concepção de vida deles. Como isso se contrastava com ambos, porque os israelitas vieram do Egito, mas a maior parte do Antigo Testamento está em grego, e é assim que o entendemos. Poderia comentar como isso se combinava? Dr. Craig: Você está perguntando sobre a influência dos mitos do Antigo Oriente Próximo sobre os gregos? Aluno: Sim. Certo. Ou como a concepção de vida e a arte deles... Dr. Craig: Acho que, embora possa muito bem ter havido influência dos mitos do Antigo Oriente Próximo sobre a mitologia grega, isso ainda é muito pouco compreendido. Os primeiros mitos gregos atestados são os de Homero — a Ilíada e a Odisseia, por volta de 700 a.C. — e os de Hesíodo, em sua Teogonia, que descreve a origem dos mitos. Esses deuses e deusas gregos, como você indicou, são descritos de modo muito humanoide. São como pessoas.

E eles frequentemente são associados a diferentes forças ou poderes da natureza, como o mar, o vento e coisas desse tipo. Eles não são relevantes para nosso estudo em termos de terem exercido influência, penso eu, sobre as histórias bíblicas, porque são posteriores e estão mais distantes. Portanto, embora possam ser interessantes como modelos comparativos, acho que a Mesopotâmia e o Egito são muito mais relevantes para o pano de fundo bíblico. Aluno: Uma pergunta rápida sobre esse método de interpretar escritos antigos. Está claro, ou pelo menos tenho a impressão de que alguns fenômenos testemunhados pelos antigos foram, de fato, descritos por uma leitura literal da mitologia deles, como os terremotos, por exemplo. As tartarugas se mexendo, ou quem quer que sustente tudo nos ombros, precisa se mover. Coisas assim. Primeiro: os terremotos e coisas semelhantes podem ter sido entendidos de maneira mais literal quanto à sua origem? Isso é tratado na literatura?

Dr. Craig: Se entendi corretamente sua pergunta, você está levantando uma questão interpretativa enorme, que colocou alguns dos maiores assiriologistas em lados opostos, e estou pensando aqui em Thorkild Jacobsen, por exemplo, e Stanley Kramer. Jacobsen sustenta que esses mitos do Antigo Oriente Próximo são basicamente alegóricos; que, na verdade, personificam os poderes e as entidades da natureza. Por exemplo, quando o Enuma Elish diz que Apsu e Tiamat misturaram suas águas para dar origem a esses outros dois deuses, ele entende isso como a mistura de água salgada e água doce, tal como os mesopotâmios observavam no golfo Pérsico, quando a água doce do Tigre e do Eufrates desaguava na água salgada do golfo. Os dois deuses gerados por Apsu e Tiamat seriam, segundo ele, símbolos do lodo depositado no golfo Pérsico na foz desses dois rios. Assim, na visão de Jacobsen, em certo sentido, os deuses não existem de fato. São apenas uma espécie de personificação literária das forças, dos poderes e das coisas da natureza.

Se você fizesse um inventário ontológico de tudo o que existe, não precisaria incluir, além das coisas físicas da natureza, também esses deuses, porque eles são meras personificações dessas forças. Kramer, em contraste, criticou duramente Jacobsen por isso e disse que essa era uma deturpação completa do pensamento do Antigo Oriente Próximo. Ele disse que eles acreditavam que os deuses eram entidades literais e humanoides, invisíveis e misteriosas, que estavam por trás das forças da natureza e se manifestavam nela. Assim, quando você vê a

água, não está olhando para Tiamat; Tiamat é a deusa que estava por trás do mar. Essa visão explicaria por que os babilônios eram tão obcecados pela adivinhação. A adivinhação era uma indústria enorme e lucrativa na antiga Babilônia. Mais da metade dos textos cuneiformes descobertos no palácio de Assurbanípal no fim do século XIX são textos divinatórios; e, entre eles, a maioria é de textos astrológicos, embora alguns também tratem do que se chama extispicina, o exame do fígado e das vísceras de aves e animais para interpretar presságios dos deuses.

Assim, a prática da adivinhação parece sustentar a ideia de que realmente há deuses por trás dessas forças e de que, lendo esses presságios da natureza, podemos discernir a vontade dos deuses e talvez o que acontecerá em termos de boa ou má sorte. Eu, como leigo, não ousaria tentar decidir esse debate. Quando pergunto a outros estudiosos do Antigo Testamento sobre isso, a reação que recebo é uma espécie de olhar vazio. Portanto, não sei qual dessas posições está correta, mas eu diria que, em qualquer delas, os mitos não devem ser tomados de maneira literalista. Claramente, na visão de Jacobsen, eles não são literais, porque tratam de fenômenos naturais. Os deuses são apenas personificações das forças da natureza. Mas, mesmo na visão de Kramer, embora os deuses realmente existam, não fazemos ideia de como são, porque são invisíveis. Assim, essas várias imagens, descrições e coisas semelhantes são, novamente, apenas linguagem figurada para descrever esses seres que controlam nosso destino. Portanto, em qualquer das interpretações, acho muito plausível pensar que essas histórias não eram necessariamente tomadas literalmente.

Dito isso, como mencionei na conversa da semana passada, é claro que algumas pessoas provavelmente as tomavam literalmente. Sem dúvida, muitas pessoas acreditavam nelas em um sentido muito literal. Mas estou sugerindo que elas não precisam ser tomadas dessa maneira. Pode muito bem ser que se trate de linguagem metafórica e figurada, e penso que o caráter metafórico, a plasticidade e a flexibilidade sustentam tal leitura. Aluno: Preciso de um pequeno GPS para saber onde estamos. Estou disposto a concordar que os mitos do Antigo Oriente Próximo, mesopotâmicos e egípcios, não são literais. Estou um pouco confuso quanto à aplicação aos hebreus. E quanto à ideia do firmamento — de que ele não era verdadeiro. Dr. Craig: Deixe-me perguntar: o que você acha desse ponto? Eu já me adiantei um pouco quanto ao *rakia*, ao dizer que aqui temos uma aplicação a Gênesis. Está claro que os mesopotâmios e os egípcios não entendiam o céu como uma cúpula sólida; então, por que pensar que os hebreus entendiam o *rakia* como sólido? Esse seria um exemplo de linguagem metafórica ou figurada em Gênesis. Qual é sua reação a isso? Aluno: Minha reação é: não havia ninguém por perto naquela época.

Portanto, foi Deus quem forneceu alguma imagem disso. Se estudiosos hebreus por acaso entenderam que era uma cúpula sólida e estavam errados, então tudo bem, estavam errados. Dr. Craig: E, por “estudioso hebreu”, você quer dizer o autor de Gênesis? Aluno: O autor de Gênesis é Deus. Dr. Craig: Eu quis dizer o autor humano que o escreveu. É ele o estudioso hebreu de quem você está falando, ou você se refere a pessoas posteriores? Aluno: Refiro-me a pessoas posteriores. Dr. Craig: Certo, é bom entender isso. Porque eu não gostaria de ir tão longe quanto você disse a princípio, se entendermos que os estudiosos hebreus incluem o autor de Gênesis. Aluno: Ah, não, não. Lembre-se de que aquele capítulo não poderia ter sido escrito por ninguém, porque ninguém estava presente. Precisou ser uma revelação de Deus que dizia:

“Foi assim que aconteceu.” Dr. Craig: Então a pergunta é: Deus usou imagens que não precisavam ser tomadas literalmente ao dar essa revelação aos hebreus? Aluno: Não sei. Acho que a imagem é adequada se for, como o senhor disse na semana passada — e disse gostei muito —, se for claramente não verdadeira. Se for claramente... Dr. Craig: Certo, espere. Precisamos ter cuidado.

Eu não disse “não verdadeira”. Tenho procurado ser muito cuidadoso quanto a isso: distinguir entre verdade literal e verdade figurada. Você quer dizer “não literalmente verdadeira”. Aluno: Se for claramente metafórica, então a entendemos como metafórica, e gostei muito desse teste. Vamos examiná-la e perguntar: “É claramente metafórica ou isso poderia ser verdadeiro?” Dr. Craig: Novamente, literalmente! Aluno: Literalmente verdadeiro. Desculpe. Isso poderia ser algo literal? Eu me confundo quando chamo as coisas de mitos e aplico isso aos hebreus. Dr. Craig: Certo, pelo menos você está aberto até aqui à possibilidade de pensar que o chamado firmamento, ou *rakia*, não é uma cúpula sólida na qual as estrelas estão gravadas. Aluno: Com certeza. Acho que nossa interpretação do firmamento como uma cúpula sólida pode ser uma interpretação equivocada dessa palavra. Dr. Craig: Certo. Muito bem. Obrigado. Aluno: Quanto à pergunta: Deus precisou usar linguagem metafórica para falar conosco e nos dar entendimento e verdade? Eu diria que sim, definitivamente, porque Deus poderia agora nos transmitir literalmente a realidade suprema de nosso futuro em sua presença? A luz inacessível?

Fazer isso literalmente talvez nos colocasse lá, e não estamos prontos. Assim, Ele precisa lidar conosco metaforicamente para estabelecer a verdade que vemos. Dr. Craig: Certo, eu não adotei uma posição tão forte quanto a sua. Observe que sua posição foi: tem de ser assim. Afinal Gênesis não se destinava apenas às pessoas modernas, mas a pastores, criadores de rebanhos, pessoas sem instrução e assim por diante, que não o entenderiam se Deus lhes desse um manual sobre a teoria geral da relatividade e a expansão do Universo. Portanto, é claro que isso é revelado de maneiras figuradas e pictóricas. Acho esse argumento convincente. Creio que queremos que essa seja uma narrativa que sirva a pessoas de todas as épocas, idades, culturas e níveis de educação. Lembro-me de que, em meu debate com Lawrence Krauss na Austrália, uma das objeções que ele apresentou ao cristianismo foi: por que Deus não revelou o cálculo a Moisés? Pensei: “Qual o problema com esse homem? É tão estúpido pensar que isso seja uma boa objeção.” Deus estava revelando a Moisés o que eles precisavam saber para fazer sua vontade e encontrar a salvação. Dar-lhes o cálculo teria sido praticamente inútil.

Aluno: Apenas um comentário. Precisamos fazer uma distinção entre algo simbólico e algo de natureza geral. Porque Gênesis pretendia ser exato para todas as épocas e tempos. Avanços científicos e sofisticações. Sua natureza é geral, e por isso acho que essa é mais a questão do que o fato de ser simbólico. Dr. Craig: Deixarei que você tenha a última palavra sobre isso. Permita-me apenas dizer que não estou necessariamente afirmando que essas narrativas sejam simbólicas ou alegóricas, com uma espécie de correspondência um a um entre um símbolo e aquilo que ele representa. Mas estou dizendo que são figuradas, que são metafóricas. E isso não é necessariamente simbólico no sentido de alegoria.

Encerramento e oração

Muito bem. Na próxima vez, faremos essa transição tão importante: tentaremos aplicar essa análise genérica a Gênesis. Então encerremos com uma palavra de oração. Pai, mais uma vez, nós te agradecemos por termos o tempo e os recursos para nos reunirmos desta maneira e discutirmos juntos essas questões e assuntos importantes. E agora te pedimos que, ao seguirmos para mais uma semana, tu nos guies e conduzas por teu Espírito Santo; ajuda-nos a andar em teu caminho, no caminho da verdadeira luz, sem nos desviarmos nem para a esquerda nem para a direita, e a guardar nossos pés das trevas. E confiamos em que nos conduzirás por esse caminho, por Cristo, nosso Senhor. Amém.

Referências

Enuma Elish VI.33-34; relato bilíngue sumério-babilônico da criação, linhas 17-20; KAR 4, linhas 25-27; Epopeia de Atrahasis, linhas 225-226 e 240-241.

John Wilson, Egypt, p. 50; James P. Allen, Genesis in Egypt: The Philosophy of Ancient Egyptian Creation Accounts, p. 12 e 56 (na aula, Craig diz "John Allen").

Erik Hornung, Conceptions of God in Ancient Egypt, p. 110, 113, 49, 240 e 258.

Othmar Keel e Silvia Schroer, Creation: Biblical Theologies in the Context of the Ancient Near East, trad. Peter T. Daniels (Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2015), p. 78.

Thorkild Jacobsen, Samuel Noah Kramer (na aula, "Stanley Kramer") e John Walton são mencionados na exposição e discussão da aula.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2019 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-19/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-19/>